



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

## A HISTÓRIA LOCAL COMO VIA PARA VALORIZAÇÃO DO BEIRU: USOS DA LEI 10.639/2003

JENNIFER KESSIE RAMOS FIGUEIREDO<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir das discussões sobre o processo de produção do conhecimento histórico enquanto processo de produção de sentido, passei a refletir sobre as possibilidades de implementação da Lei 10.639, no Colégio Estadual Helena Magalhães, situado no bairro do Beiru. Desde o século XIX, a região já abrigava importante contingente populacional de negros, fugidos da opressão das amarras do sistema escravocrata. Começando pelo seu nome, o bairro guarda uma rica e densa memória histórica. Além disso, seus moradores ainda têm que suportar certas visões estereotipadas sobre o bairro que circulam socialmente. Diante desse contexto, comecei a pensar nas possibilidades de um ensino de história que contribuísse para mudar tais representações, mas através de uma perspectiva de aprendizagem significativa. É assim que nasce o interesse pela relação entre ensino de História e História local, articulação a ser desenvolvida pelo Colégio já citado. Do ponto de vista teórico, estamos nos baseando em autores como: Martins (2017); Mattos (2006); Souza (2016); Cavalleiro (2005) e outros. Para desenvolver tais estudos, pretendemos recorrer à metodologia DBR uma pesquisa - ação que pretende trazer os sujeitos como ativos na construção do conhecimento, num ideal de co-autoria, tal metodologia estabelece conexões com a praxiologia. Segundo SOUZA (2016) é uma metodologia de bricolagem e métodos investigativos díspares, ainda com base no autor já citado a mesma dialoga com: o socioconstrutivismo, a praxiologia e o pensar histórico.

**Palavras-chave:** Beiru, Ensino, História.

O interesse pela temática surge através das inquietações e percepções referentes ao ensino de História, em especial, no lugar da História Local dentro dos espaços formais de educação, ambiente aqui configurado pelo Colégio Estadual Helena Magalhães. Através das discussões desenvolvidas ao longo da disciplina Estágio Supervisionado I, notou-se que o conhecimento histórico discente pode ser construído sob perspectivas mais inovadoras e que promovam maior sentido para o educando.

Pensar a importância da História local no ensino de História é refletir sobre a construção de uma prática de aprendizagem que valorize e busque desenvolver o conhecimento local do discente. Neste sentido, a educação perpassa por alterações que trazem à tona a historicidade local para o ensino histórico discente, uma delas é a LDB (lei de diretrizes e bases da educação), propõe diversas diretrizes no ensino, dentre as elas traz a necessidade de uma educação regional, como é percebido no artigo 26: "Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela UNEB, email: [jenfigramos@gmail.com](mailto:jenfigramos@gmail.com)



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)<sup>2</sup>.

Entretanto, as proposições supracitadas pela LDB não se destacam como caminho único para refletir acerca da importância e necessidade de valorizar a história local. Mas teceram ações relevantes servindo como aporte para o Conselho Nacional de Educação (CNE) reconhecer a necessidade de um currículo vinculado às dinâmicas sociais locais do discente, como pode ser percebido no parecer do CNE/CEB nº7/2010<sup>3</sup>. Tal parecer reforça a relevância da práxis pedagógica se associar aos aspectos culturais sociais das comunidades.

A própria BNCC estipula a necessidade dos conteúdos históricos voltados ao ensino local. Porém, para que o professor atue de fato como mediador na produção do conhecimento, se faz necessário recorrer a elementos que propiciem a mediação entre o objeto e discente, discente e o sentido. Assim, essa mediação pode ocorrer por meio da História local por meio de aportes como: PCN'S, LDB e BNCC. Isto posto, é possível refletir acerca do lugar da História local e a presença da mesma nesses mecanismos de apoio.

A base nacional curricular comum cede espaços para o ensino local dentro da práxis pedagógica de História, onde tal prática deve estar vinculada a aspectos culturais, sociais e econômicos referentes a comunidade que a escola está situada. Porém, esses “suportes” muitas vezes apresentam lacunas e, com a BNCC, não seria diferente, na leitura da mesma é perceptível limitações que acabam guiando o educador para uma perspectiva tradicional de ensino, sendo nesses modelos mais arcaicos que a História local é posta a margem do processo educativo.

Todavia, buscar meios para propiciar maior inserção do ensino local é estabelecer um ensino contextualizado, já conhecido pelo discente e conseqüentemente com mais

---

<sup>2</sup> Lei de diretrizes de bases da educação, 9.394/2003

<sup>3</sup> BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Parecer nº 7, de 7 de abril de 2010. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de julho de 2010, Seção 1, p. 10. Disponível em: Acesso em: 26 agosto. 2019.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

sentido. Partindo das dinâmicas cotidianas que permeiam esses indivíduos há o espaço para construir os saberes históricos de uma forma mais “interessante”, “divertida” e que tenha mais relação com aqueles sujeitos.

Assim, buscar métodos didáticos diferenciados é essencial. Neste sentido, Rocha (2003) apresenta a importância das práticas de ensino que podem ser adotadas

Partindo dessa perspectiva é que se considera que os conteúdos sejam trabalhados, de forma contextualizada com o seu momento histórico e relacionados com o momento atual. Sempre que possível, estabelecer relações com o cotidiano do aluno. Ao desenvolver atividades, procura-se motivar o aluno para as leituras, reflexões, esclarecimentos de dúvidas, oportunizando a defesa de suas ideias, a elaborações de sínteses e/ou conclusões. Além dos livros didáticos e/ou de apoio (livros especializados), utilizar sempre, como subsídios artigos de revistas, reportagens de jornais, obras literárias, letras de música, filmes os quais vão auxiliar na sistematização do conhecimento, bem como no processo ensino aprendizagem. (ROCHA, 2003).

Os avanços supracitados favorecem um ensino contextualizado, dialógico e o mais importante produz sentido para o discente. Trazendo esses aspectos de produção de sentido histórico, é possível pensar no lugar da historicidade do bairro Beiru dentro dos ambientes educacionais, ou seja, o CEHMA<sup>4</sup> e qual o lugar desse processo na História local e, conseqüentemente, como tais demandas se articulam na com a lei 10.639/2003<sup>5</sup>.

## **BEIRU- MUITO ALÉM DE UM BAIRRO**

Essas questões curriculares diferenciadas possibilitaram a reflexão de como trabalhar essas proposições dentro dos ambientes da educação básica dialogando com a produção de sentido discente houve o reconhecimento da necessidade de estabelecer estudos de ensino e pesquisa que servissem como apoio para reconstrução da história do bairro Beiru, em Salvador.

---

<sup>4</sup> Colégio Estadual Helena Magalhães

<sup>5</sup> Lei que obriga o ensino afro-brasileiro dentro das escolas.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Neste sentido, é válido tecer algumas informações relevantes sobre o bairro, situado no miolo de Salvador e entorno do Cabula, conta com extensões geográficas que vão desde os limites da Estrada das Barreiras até o início do bairro arenoso. É considerado como um dos bairros mais populosos da região metropolitana com um total de 50.416 habitantes, segundo o IBGE de 2010 é considerado com o sétimo bairro de Salvador com o maior número de negros. Intensas atividades comerciais marcam o desenvolvimento econômico no bairro, permeado pelas atuações informais de diversos trabalhadores o que propicia rendas financeiras relativamente baixas situadas, em sua maioria, entre 1-2 salários mínimos.

Referente à sua história, duas teorias marcam o surgimento do bairro, uma delas é vinculada as fontes achadas no APEB<sup>6</sup> que trazem essas terras (atual bairro Beiru e adjacências) pertencentes à Marquesa de Niza que, posteriormente, as vendeu para Tomás Paranhos da Silva, responsável por repartir os lotes, vendendo os pedaços até chegar às mãos de Dr. Garcia Brandão, que formaria o bairro naquele primeiro momento. Porém, a oralidade dos moradores compõe uma historicidade totalmente divergente.

Beiru, o próprio nome traz consigo uma gama de histórias e estórias que se mantém viva pelos moradores mais antigos e pelos sujeitos que buscam resgatar e valorizar a imagem de Gbeiru. A Associação Comunitária e Carnavalesca Mundo Negro (2007, apud Teixeira et al, 2009, p.6) aponta o quão a manutenção do nome Beiru (escrito em Yorubá, Gbeiru) é essencial para a preservação local. Ainda segundo Mota (2016) o Beiru integra outras localidades de Salvador que trazem marcas africanas em seus nomes

No que diz respeito aos topônimos, percebe-se que há poucas reminiscências do quilombo Cabula, [...] com exceção do nome do bairro (Cabula) que é de origem banto [...] apenas nas áreas ao seu entorno é possível verificar alguns topônimos a exemplo de Beiru (ex-escravo negro que herdou as terras da família Silva Garcia D'Ávila) que deriva do termo gbèru que quer dizer "ter medo"[...]. (MOTA, 2016, p. 97).

Dessa forma, abordar esse líder negro nascido em Oió, numa cidade da Nigéria e vítima das amarras do sistema escravocrata ainda em vigência no século XIX, quando o mesmo chega às terras brasileiras comprado pela família Garcia D'avila para fazer atividades manuais na fazenda de campo seco é discutir acerca da formação desigual e injusta da

---

<sup>6</sup> Arquivo Público do Estado da Bahia. Registros eclesiásticos de Terras.N.66, Ano 1857 - 1863



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

sociedade brasileira. Entretanto, esse sujeito segundo afirmam as tradições orais, teria sido muito querido pelos seus senhores e por isso herdou lotes de terra que se referem ao atual bairro, assim por volta de 1845 o mesmo monta um quilombo. Salientam-se tais informações expostas acima são passadas através da oralidade dos antigos moradores.

Tal quilombo era a personificação da resistência acerca das dinâmicas escravagistas, abrigando, principalmente, negros fugidos, alguns libertos e até mesmo indígenas. Dessa forma, é perceptível que o bairro presenciou sua formação a partir da delimitação de um grupo social muito singular. Resistência essa que se expressa na posterioridade, pela manutenção do nome já que após a morte do Presidente Tancredo Neves o bairro adquire o nome do então falecido.

Todavia, adotar o nome de Tancredo Neves, com base em diálogos alguns moradores, era algo sem sentido, pois eles sempre se confundiam com a Av. Tancredo Neves na Pituba, porém o motivo era muito mais complexo para os sujeitos que visavam preservar o nome desse líder e resgatar a história local, assim em 1985 (quando houve a mudança) diversos militantes do movimento negro que visam a manutenção dessa historicidade com base no apresentado pela Associação Comunitária e Carnavalesca Mundo Negro (Teixeira et al, 2009, p.6) lutaram para a preservação do nome tradicional, não sendo a toa que nos dias atuais o bairro é denominado de: Beiru/Tancredo Neves.

Com base no exposto acima, questiona-se: Qual o lugar dessa história local do bairro dentro dos ambientes escolares? Os discentes conhecem ou desconhecem a historicidade do bairro? Qual a relevância de se estudar o Gbeiru e há alguma articulação desses estudos com a lei 10.639/2003? As visões discentes referente ao bairro são positivas ou negativas? Como o ensino local pode contribuir para tais visões?

## **O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL E A LEI 10.639/2003 NO COLÉGIO ESTADUAL HELENA MAGALHÃES**

É relevante pensar em duas categorias para consolidar as inquietações apresentadas. Num primeiro momento, salientam-se as relevâncias de uma prática de ensino vinculada



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

às perspectivas difundidas pela lei 10.639/2003 – reflexo de conquistas galgadas no âmbito educacional, após diversos embates dos educadores, que promove a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira. A proposição dessa lei apresenta dois ganhos: se por um lado quebra com os ideais de ensino vinculados a uma práxis pedagógica eurocêntrica, por outro traz espaço para o ensino afro-brasileiro.

Tal lei<sup>7</sup> promove a decolonialidade no ensino, logo elabora uma educação que contempla as demandas discentes e é mais vinculada com a sua realidade e vivência. Entretanto, em alguns casos, entre Teoria e Prática há um muro muito grande, pois a essência da educação brasileira está tão enraizada na visão eurocêntrica que nem sempre existe de fato uma efetivação da lei ou mediadores diferenciados para consolidar um ensino voltado para as demandas sinalizadas pela lei.

Ao refletir acerca da produção de sentido e vivências facilmente se recorda das provocações de Santos (2002) em “História do lugar”, onde o autor discorre sobre como o processo de transformação urbana ocasionou alterações que não mais retratam as historicidades que um dia aquela localidade presenciou. Neste sentido, pode-se refletir o quanto as “ruas falam” e, por dizerem, muitas vezes ecoam suas histórias e estórias em geral desprezadas dentro dos espaços escolares.

Por compreender tais exclusões dessa história local dentro dos ambientes educativos, o autor afirma que é por meio da inserção da localidade que há o processo de recuperação e preservação das memórias e identidades locais (SANTOS, 2002). Através disso, surge o foco de adentrar nesses espaços para entender se há um ensino histórico vinculado a História local e se de fato tal método é efetivo. Como já fora salientado, o bairro Beiru carrega consigo marcas históricas que trazem permanências na atualidade sejam pelo grande contingente de afrodescendentes ou pela população de baixa renda.

O foco para o desenvolvimento da pesquisa que ainda está em andamento e, conseqüentemente, apresenta dados que podem ser modificados e/ou agregados ocorreu com a turma do nono ano do ensino fundamental II, do turno vespertino no

---

<sup>7</sup> 10.639/2003



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Colégio já citado. Num momento inicial, o ponto primordial foi compreender o que os discentes conhecem sobre o contexto histórico do bairro, dessa forma através das falas, “palavras-chaves” eram expostas no quadro.

Após a contribuição discente, teve a tomada de “gancho” por meios de suas falas para introduzir a temática da aula daquele dia: “Beiru: um novo olhar”, o nome é fruto do projeto que já desenvolvi enquanto discente em 2014 no CEHMA<sup>8</sup>. Dessa forma, as discussões se iniciaram com o auxílio da história do tempo presente, pois como (Novack, 1973 apud Santos, 2002) apresenta a reconstrução histórica serve como um caminho para difusão e compreensão dos processos históricos existentes.

O cerne central da aula neste momento residiu em pegar as contribuições discentes para elaborar quais seriam os marcadores históricos do bairro Beiru. Assim, se trabalhou com uma contextualização mais pretérita das amarras do sistema escravocrata que delineavam relações sociais permeadas pela dicotomia dominador *versus* dominado como apresenta Souza (2016). Essas discussões serviram para dialogar com os discentes acerca da manutenção desse cenário na sociedade contemporânea, ainda balizada por tais processos históricos.

Após a “base” inicial ser dada, o recorte geográfico foi estabelecido, trabalhar com o quilombo do Beiru. Foi curioso para alguns saber que aquele local em tempos mais pretéritos era um quilombo, ambiente de resistência escravocrata. Quando souberam o significado histórico desse ambiente automaticamente se interessaram por saber mais. Por isso, questões foram elaboradas para que eles dialogassem com os familiares sobre o que conheciam ou não sobre o bairro.

Na ficha foram feitas perguntas que, posteriormente, seriam discutidas durante as outras aulas. Os questionamentos residiam num primeiro momento sobre o conhecimento histórico que perpassa o bairro, se a resposta fosse positiva era solicitado que o mesmo partilhasse quem lhe concedeu tal informação. Perguntas como: conhecem moradores antigos? Quais festas populares existem no seu bairro? Você frequenta algumas delas?

---

<sup>8</sup> Colégio Estadual Helena Magalhães



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Dentre outras que foram feitas essas, inicialmente, visavam descobrir qual o diálogo que esses jovens possuíam com sua localidade.

Destarte, no momento de encontro para a discussão das fichas fica claro quão desconhecida é a história do negro Beiru para os alunos. É neste sentido, que as provocações feitas por Santos (2002) ganham força, no momento em que o autor disserta como os processos históricos modificados ao longo dos períodos faz com que cada vez mais as dinâmicas da história local desapareçam, sendo primordial o resgate dessa memória.

E através das fichas e das respostas percebidas se notou a real necessidade de propostas para a reconstrução dessa memória e história local. Percebendo as lacunas interpostas, emergiu a posição de professora pesquisadora, pois o educador precisa se munir de conhecimentos prévios acerca daquela região, bairro e etc. como sinaliza Santos (2002). Com os aportes teóricos bem delimitados, a proposta de intervenção pedagógica se inicia com uma proposta de “roda de conversa”, buscando saber a partir do tempo presente as visões dos educandos referentes ao bairro.

Partir do conhecido para posteriormente se enveredar nas linhas da história é uma via pedagógica que propicia trazer o discente como protagonista de seus estudos, sendo esse o foco central da atuação. Muitos relatos traziam em suas falas a reprodução midiática do bairro Beiru, enquanto ambiente de violências, perigos “tudo que é ruim”<sup>9</sup>. Essas e outras falas compõem um cenário de estereótipos que permeiam a localidade desde seus tempos mais pretéritos até a contemporaneidade.

Ainda que muitos dos dizeres estivessem vinculados à reprodução midiática, se faz essencial conceder o espaço da fala, dando abertura para os discentes contribuírem com suas visões e compreensões referentes a temática. Os relatos são enriquecedores, pois refletem as limitações acerca da consolidação da historicidade local dentro dos ambientes educativos, ocasionando uma precariedade na construção do sentido. Dessa forma, a proposta da pesquisa em andamento é fundamentada no reconhecimento da

---

<sup>9</sup> Uma das falas discentes durante os diálogos desenvolvidos.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

necessidade de concessão de suportes didático-pedagógicos para consolidar a aprendizagem significativa dos discentes, através de palestras, minicursos e propostas de intervenção que dialoguem com a lei 10.639/2003 e com a História Local. Trazer a tona tal ensino histórico vinculado a localidade é quebrar com os paradigmas da tradicionalidade do ensino, além de tornar a aprendizagem mais prazerosa.

## **METODOLOGIA**

O desenvolvimento da pesquisa se fundamenta na metodologia DBR (Design Basead Research), um aporte teórico vinculado à pesquisa-ação, praxiologia, socioconstrutivismo e coautoria, como expõe Souza (2016); ou seja, nesta metodologia os sujeitos envolvidos não são reduzidos à condição de fontes de informação. Ele é sujeito ativo no desenvolvimento da pesquisa e o retorno comunitário se faz essencial devido ao ideal de construção coletiva. Seguindo a linha de elaborar uma historicidade local, a DBR se consolida enquanto via metodológica para resgate dos processos históricos que permeiam o bairro por principiar a interação entre os dois indivíduos que elaboram a pesquisa, por consequência, produz o sentido histórico.

Ao longo do processo de pesquisa, visa-se construir uma solução para a problemática acerca do ensino de História. O desenvolvimento de medidas que visam sanar com tais entraves, se constrói através das parcerias estabelecidas: sujeitos do espaço escolar, pesquisador e professor. No intuito de propor avanços e transformações dentro da comunidade. Logo, trata-se de uma metodologia inovadora, focada no desenvolvimento de pesquisa aplicada, capaz de gerar melhoria e inovações no campo de aplicação foco da pesquisa.

Por meio desse processo de pesquisa e das lacunas percebidas através das fichas e dos breves diálogos iniciais, é perceptível a carência de um ensino que dialogue com a lei 10.639/2003 e com a História local. Por isso, além dos estudiosos do campo teórico da história local e que trabalham com o espaço geográfico do Beiru serão utilizados, outros como: Martins (2017), Souza (2016), Santos (2002) e outros.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

## RESULTADOS PARCIAIS

As discussões propostas aqui se enquadram na busca por uma educação que privilegie a produção do sentido e a aprendizagem significativa em conexão com a necessidade de valorização da História Local. O foco é um ensino que contemple a valorização étnica através da efetivação da lei 10.639/2003 e/ou dignificar a identidade negra por meio da histórica local. Com isso, os primeiros levantamentos trazem a necessidade de enfrentar as lacunas educativas que perpassam os ambientes escolares públicos de Salvador, com relação à valorização de práticas que articulem identidade e história local, no âmbito do ensino de História.

Com isso, os estudos brevemente apresentados buscam ser aprofundados de forma que consigam enriquecer o ensino de História do CEHMA<sup>10</sup>. Dessa forma, com base nos aportes teóricos e métodos apresentados há o intuito de consolidar a historicidade local para facilitar e dinamizar o ensino histórico bem como dialogar com as prerrogativas propostas pela lei do ensino afro-brasileiro.

Os dados iniciais trazidos pela pesquisa demonstram que por muitas vezes criar um ensino contextualizado é algo complexo, que demanda mais tempo e esforços do educador. Quando essa contextualização forma um triângulo juntamente com a história local e a lei 10.639/2003 o trabalho é ainda mais desafiador. Assim, os estudos aqui desenvolvidos através dos primeiros diálogos estabelecidos marcam não só o interesse, mas a tentativa de servir como caminhos novos e possíveis para se (re) pensar o ensino histórico mais participativo e atendo às demandas locais.

Destarte, conclui-se que os levantamentos feitos nesse momento inicial da pesquisa servem como suporte para consolidarem os dados e apresentar a proposta de intervenção que visa desconstruir as visões negativas e estereotipadas que prevalecem, bem como propiciar conexões sobre a identidade étnica e lugares de pertencimento. Isto posto, o trabalho pode contribuir ativamente para a inovação das práticas de ensino de história.

---

<sup>10</sup> Colégio Estadual Helena Magalhães



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Discriminação racial e pluralismo em escolas públicas da cidade de São Paulo. IN: SECAD (2005: 65-104).

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 40. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

MARTINS, Luciana Conceição de Almeida História Publica do Quilombo Cabula: Representações de resistência em museu virtual 3D aplicada a mobilização do turismo de base comunitária. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação da Bahia. Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, Salvador, 2017.

MOTA, Flávio Oliveira. A dinâmica afrodescendente no contexto espacial do Cabula – Salvador/BA. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Salvador/BA, 2016.

ROCHA, Aristeu Castilhos da. Proposta metodológica para o ensino de história. Revista de Ciências Humanas, v. 4, n. 4.: Erechim, 2003.

SANTOS, J. J. M. dos. História do lugar: um método de ensino e pesquisa para as escolas de nível médio e fundamental. História, Ciências, Saúde Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9(1): 105-24 jan.-abr. 2002.

SOUZA, Antônio Lázaro Pereira de. Rpg digital instrumento pedagógico para o ensino da abolição da escravidão. Universidade Estadual da Bahia. Departamento de Educação. Programa de pós-graduação em educação e contemporaneidade, Salvador, 2016.

TEIXEIRA, Rita Maria de Jesus; RODRIGUES, Jamile Araújo; GIUDICE, Dante Severo. Expansão urbana e impactos ambientais: análise do Beiru/Tancredo Neves - Salvador-BA. In: XIII SBGFA - Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada – Universidade Federal de Viçosa, 2009. Trabalho Completo – eixo 11. Viçosa: XIII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, 2009. Disponível em: Acesso em 30 de jan. 2018.